

Partidos mudam de nome para evitar desgaste

Legendas garantem que programas também estão sendo alterados

CARLOS AMARAL
REPÓRTER

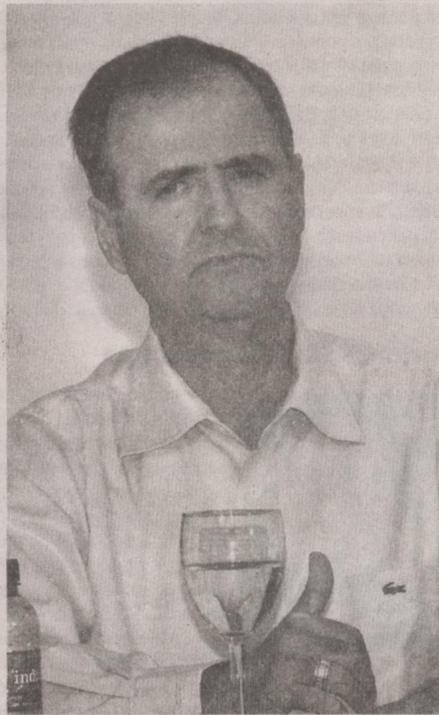
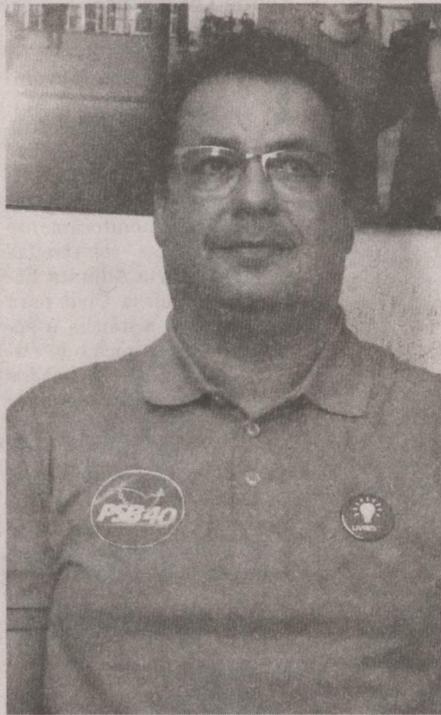
SANDRO LIMA

Já vem de longe a falta de credibilidade dos partidos políticos, em especial os vinculados a períodos pouco defensáveis da História brasileira, como a ditadura de 1964. Entre esses, ocorreram divisões e mudanças de nome, mas os programas e práticas seguiram praticamente os mesmos.

Recentemente, três agremiações anunciaram troca de nome. Desses, só o Partido Trabalhista Nacional (PTN) já teve autorização, no último 16 de maio, do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e agora se chama "Podemos". O Partido Trabalhista do Brasil (PTdoB) quer se chamar "Avante" e o Partido Social Liberal (PSL), "Livres".

O presidente estadual do PSL, Henrique Arruda, afirma que a escolha por "Livres" é conceitual. "Queremos liberdade de fato e não pela metade, que o indivíduo seja livre por completo. Para isso é preciso que o Estado seja diminuído apenas ao essencial. É isso que estamos reforçando no novo programa".

Ele também reforça a ideia de que a mudança visa dialogar melhor com a



Henrique Arruda, do Livres, quer maior diálogo; Marcus Toledo, do Avante, fala em representação

sociedade, principalmente diante do atual cenário de descrença na política. "Queremos mostrar às pessoas que qualquer um pode participar da política porque ela não é uma coisa de castas ou de iluminados".

No mesmo tom, Marcus

Toledo, presidente estadual do PTdoB, diz que a mudança para "Avante" visa atrair novas lideranças.

"Os partidos que se propõem a representar a sociedade precisam se renovar. e Também queremos mostrar que os partidos menores não

são de aluguel. Não tem ninguém do PTdoB com mala na rua nem correndo da polícia", afirma Toledo.

A reportagem tentou contactar o presidente estadual do Podemos, ex-PTN, Felipe Sarmento, mas ele não atendeu aos telefonemas.

RÓTULO

Mudanças são superficiais, diz especialista

SANDRO LIMA

Para a cientista política Luciana Santana, os novos nomes adotados por partidos não geram mudanças essenciais às siglas. Em sua avaliação, vai criar mais dificuldade ao eleitor em identificar programas. Principalmente entre aqueles que eliminam o termo "partido" de seus nomes.

"Com novos nomes, eleitores continuarão sem poder identificar determinadas clivagens, grupos ou fazer distinções do ponto de vista ideológico que difiram um partido de outro. Além disso, a cultura política brasileira não é de apreço a partidos. Tanto que a maioria absoluta dos eleitores brasileiros não tem afinidade partidária, escolhem seus representantes para o executivo ou legislativo independente de seus partidos", diz.

Para ela, trocar o nome é apenas para dar sensação de mudança aos eleitores diante do desgaste por que passam os partidos políticos.

"Os partidos apostam em mudanças de rótulos sem considerar que a principal mudança deveria acontecer internamente, ou seja, com a ampliação da participação política da sociedade, na construção de plataformas e programas que correspon-



Luciana Santana lembra que os partidos mudam de rótulo, mas esquecem dos debates internos

dam às demandas almejadas. Enquanto a participação político-partidária se concentra apenas nas mãos de seus poucos filiados não teremos renovações importantes, seja de nomes, de candidatos ou de programas", analisa.

Ela ressalta que a pola-

rização política no Brasil se dá desde sempre e que nas agremiações há nomes mais conservadores e ou mais progressistas. Como por exemplo nos partidos que recentemente anunciaram a troca de nomes: PSL, PTdoB e Podemos (ex-PTN).

"A polaridade e a complexidade no comportamento da classe política brasileira ocorre desde sempre. Basta se voltar para o período imperial nas disputas entre os Luzias e Saquaremas", comenta Luciana Santana. (C.A.)